

Instituto Socioambiental

fonte: O Estado de São Paulo class.: 16

data: 23/02/72 pg.: _____



O futuro

O pessoal do 9.º Batalhão de Engenharia de Construção penetra na selva, abrindo caminho para a expedição dos

Foto Rolando de Freitas — Enviado especial
irmãos Villas Boas. Amanhã, virá a estrada — hoje é o esforço titânico de alguns poucos. (Ver página 19)

Reação dos gigantes não intimida pacificador

Luís Salgado Ribeiro

Enviado Especial

A reação dos kranhacãcore — os índios gigantes — atirando flechas contra o avião que efetuou o segundo vôo de reconhecimento da aldeia é considerada normal e não deverá alterar os trabalhos de pacificação, a cargo do sertanista Claudio Villas Boas. No primeiro vôo de observação, efetuado por um pequeno avião da FAB, os índios apenas observaram o aparelho.

No segundo vôo, os índios lançaram dezenas de flechas na direção do taxi-aéreo, onde estavam os enviados especiais de "O Estado" e o capitão Fernando Velloso, do 9.º Batalhão de Engenharia de Construção.

A mudança de atitude demonstra que os selvagens foram colhidos de surpresa pela aproximação do aparelho da FAB, mas já estavam com sua defesa preparada, quando surgiu o segundo avião. O lançamento de flechas contra o avião foi mais uma atitude de defesa do que um ataque, pois os índios viram que suas flechas não poderiam atingir o aparelho, devido à altitude em que ele voava. Porém, ante a aproximação de desconhecidos, os kranhacãcore reagiram como qualquer outro índio: demonstrando que estavam bem armados e dispostos a reagir a uma possível invasão.

VALOR DAS FOTOS

As fotos batidas durante os dois vôos de observação não têm apenas o sentido de curiosidade.

Têm grande valor para os sertanistas empenhados na pacificação dos kranhacãcore. Por elas poderá ser avaliado o número de índios existentes nas aldeias e o estágio de cultura em que eles vivem. Entretanto, essas fotos e a reação dos índios aos vôos de observação não deverão alterar os planos de contato de Claudio Villas Boas. Ele não pretende ir diretamente aos kranhacãcore, mas sim estabelecer um esquema de aproximação que evite qualquer perigo de choque.

Ontem, Claudio Villas Boas já havia instalado o acampamento de sua expedição, integrada por 16 índios do Parque Nacional do Xingu, cinco quilômetros a frente da turma de topografia do 9.º BEC, que está fazendo o levantamento topográfico da BR-165, a aproximadamente 30 quilômetros da base de Cachimbo, na direção de Cuiabá.

Os kranhacãcore estão a mais ou menos cem quilômetros à frente. Até chegar lá, a expedição ainda vai ter muito trabalho, que não deverá demorar menos

de um mês e meio ou dois. Primeiro, a expedição deverá abrir um campo de pouso em plena selva, para poder receber por via aérea os suprimentos que atualmente são levados por uma picada, onde só é possível transitar em um trator.

Depois, a expedição deverá avançar aos poucos, procurando vestígios dos kranhacãcore, sempre a uma distância de aproximadamente 5 quilômetros da turma de topografia. Quando a expedição atingir o vale do rio Peixoto de Azevedo, provavelmente dentro de um mês, deverá ser aberta uma grande clareira na margem do braço Norte desse rio, na região onde habitam os kranhacãcore.

Aí será praticamente o fim da

marcha da expedição. Na clareira serão depositados presentes para os índios e a expedição ficará aguardando — na margem oposta do rio — que os selvagens apareçam por lá para retirar as panelas, facões, machados e brinquedos e deixar no local arcos, flechas e enfeites de pena, como retribuição das ofertas.

Embora conheça a localização das aldeias, a expedição não irá diretamente até elas, pois isso poderia parecer uma invasão e provocar uma violenta reação dos kranhacãcore. Claudio Villas Boas não tem condições para prever quanto tempo vai demorar esse trabalho de aproximação, conhecido como "fase de namoro".

— Na última tentativa de aproximação desses índios, que fizemos em 1968, demorou seis meses para termos os nossos presentes retribuídos. Depois, tivemos de suspender os trabalhos por falta de apoio logístico. Agora, não sabemos se o contato perdi-

do poderá ser retomado em pouco tempo ou se vai demorar.

CUIDADO

Durante a "fase de namoro" a expedição tomará toda cautela para não assustar os kranhacãcore. Sabendo que estarão sendo observados, Claudio e seus 26 índios vão fazer fogueiras todas as noites e cantar músicas de festas dos selvagens do Xingu. Com isso vão procurar identificar-se com os habitantes da região e mostrar que estão em missão de paz. Quando atingirem o vale do Peixoto de Azevedo, os índios da expedição vão deixar suas armas de fogo de lado e voltarão a caçar com arcos e flechas, pois, se derem tiros na região, isso poderá afugentar os kranhacãcore.

A expedição só entrará nas aldeias depois que forem retribuídos os seus presentes e caso haja um convite dos chefes kranhacãcore. E isso não é fácil conseguir.

Uma reserva exclusiva

Após os trabalhos de pacificação, será necessária a criação de uma reserva para os kranhacãcore, a Oeste da rodovia Cuiabá-Santarém. Quem defende essa idéia é o sertanista Orlando Villas Boas, afirmando que será impossível retirar esses índios da região que eles habitam:

— Seria uma loucura tentar levar os kranhacãcore para o Parque Nacional do Xingu. Primeiro, porque eles não vão querer trocar o meio onde vivem há séculos por terras desconhecidas. Segundo, porque é também impossível que eles convivam no Parque com os txucarramãe, dos quais são inimigos ferrenhos.

A solução, segundo o sertanista, será criar uma outra reserva indígena um pouco afastada da estrada, onde os kranhacãcore

possam viver sem a interferência dos civilizados e livres dos ataques dos txucarramãe.

O problema de evitar atrito entre as duas tribos tradicionalmente inimigas afetou até mesmo a formação da expedição. Foram escolhidos para participar dela os índios kalabi e suiá. Entretanto, esses índios desconhecem a língua e os costumes dos kranhacãcore, que são conhecidos apenas pelos txucarramãe. Foi necessário, então, incluir na expedição dois índios dessa última tribo, que conhecem algumas palavras dos kranhacãcore, e poderão servir de intérpretes. Entretanto, para levar esses índios na expedição era necessário disfarçá-los. Os kalabi e suiá usam cabelos cortados em forma de cuia, como os kranhacãcore. Os txucarramãe

têm cabelos longos, até os ombros, como uma das características principais da tribo.

Já que os tipos físicos não são diferentes, bastaria que se cortasse os cabelos dos txucarramãe para igualá-los aos kalabi e suiá. Entretanto, tratando-se de índios, a operação não envolve apenas uma tesoura e uma cuia. Pela sua tradição, o txucarramãe não pode ter o seu cabelo cortado, sob pena de ficar marginalizado na sua própria aldeia.

O problema era difícil, mas foi encontrada uma solução fácil: dois gorros para segurar a cabeleira dos dois txucarramãe, que terão de ficar com os cabelos presos até o final da expedição, para não serem reconhecidos por seus tradicionais inimigos.

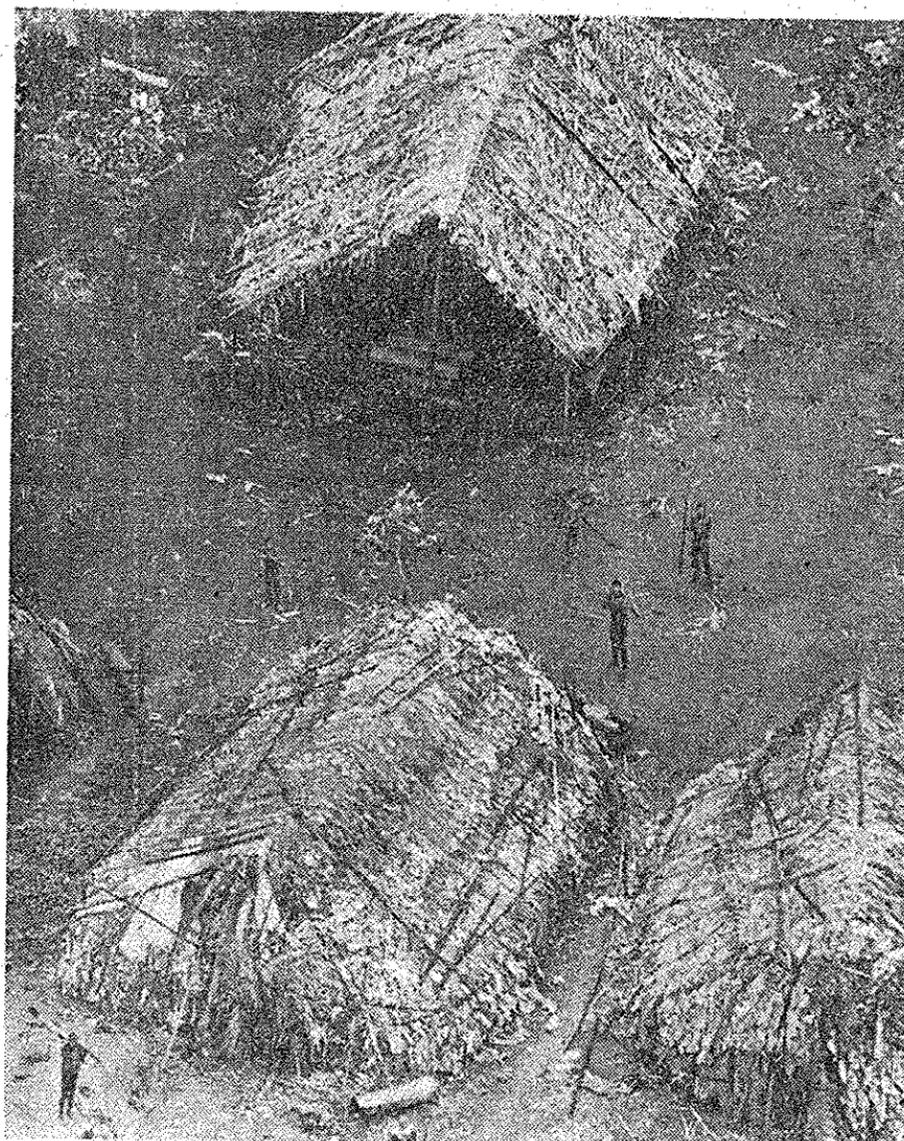


Foto Rolando de Freitas

O avião de reconhecimento olha por cima a agressividade dos gigantes